

# A FÁBULA DO VIROCENO: NARRATIVAS SOBRE HEROÍSMO, SOLIDARIEDADE E NOVO NORMAL

THE VIROCEN FABLE: NARRATIVES ON HEROISM, SOLIDARITY AND NEW NORMAL

LA FABLA DE LO VIROCEN: NARRATIVAS SOBRE HEROISMO, SOLIDARIDAD Y NUEVO NORMAL

## Raquel Aguiar

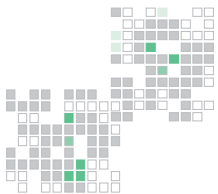
■ Jornalista, coordenadora do Serviço de Jornalismo e Comunicação do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (Sejor/IOC/Fiocruz), doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz), coordenadora adjunta do Observatório Saúde nas Mídias (OSM).

■ E-mail: [raquelaguiar@gmail.com](mailto:raquelaguiar@gmail.com)

## Inesita Soares de Araújo

■ Comunicóloga, pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (Laces/ICICT/Fiocruz), membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT/Fiocruz) e coordenadora do Observatório Saúde nas Mídias (OSM).

■ E-mail: [inesitaaraujo@gmail.com](mailto:inesitaaraujo@gmail.com)



## RESUMO

Em sua dimensão simbólica, a pandemia reconfigura contextos que, do ponto de vista da Comunicação e Saúde, afetam condições de produção dos sentidos. Estas mudanças contextuais ganham contornos mais nítidos na conceituação de Viroceno, que superlativiza o medo e radicaliza o biopoder. Mapeamos as narrativas de alta circulação que repetem ou inflacionam narrativas típicas de crises sanitárias e aquelas que se apresentam como específicas do contexto pandêmico (o heroísmo e a solidariedade) e da projeção de futuro (o novo normal). Argumentamos que as narrativas específicas do Viroceno têm caráter moralizante, à semelhança das fábulas.

**PALAVRAS-CHAVE:** COMUNICAÇÃO E SAÚDE; PANDEMIA; BIOPODER; MEDO.

## ABSTRACT

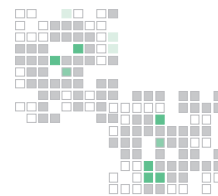
In its symbolic dimension, the pandemic reconfigures contexts that, from the point of view of Communication and Health, affect conditions of production of the meanings. These contextual changes take on a clearer outline in the concept of Virocene, which overlives fear and radicalizes biopower. We map the high circulation narratives that repeat or inflate typical narratives on health crises and those that present themselves as specific to the pandemic context (heroism and solidarity) and the projection of the future (the new normal). We argue that Virocene's specific narratives have a moralizing character, similar to fables.

**KEYWORDS:** COMMUNICATION AND HEALTH; PANDEMIC; BIOPOWER; FEAR.

## RESUMEN

En su dimensión simbólica, la pandemia reconfigura contextos que, desde la mirada de la Comunicación y la Salud, inciden en las condiciones de producción de los sentidos. Estos cambios contextuales adquieren un perfil más claro en el concepto de Viroceno, que sobrevive al miedo y radicaliza el biopoder. Mapeamos las narrativas de alta circulación que repiten o inflan las narrativas propias de las crisis de salud y las que se presentan como específicas del contexto de la pandemia (heroísmo y solidaridad) y la proyección del futuro (la nueva normalidad). Sostenemos que las narrativas específicas de Virocene tienen un carácter moralizador, similar a las fábulas.

**PALABRAS CLAVE:** COMUNICACIÓN Y SALUD; PANDEMIA; BIOPODER; TEMOR.



## 1. O vírus e a expressão superlativa do medo

Basta um rápido olhar ao redor para constatar que a pandemia de Covid-19 trouxe alterações radicais na vida cotidiana. Resta, como incógnita, entender quais serão permanentes e quais terão influência temporária. Como Santos (2020) sintetiza, a pandemia constitui um momento de excepcionalidade, compartilhado em nível global, agravando uma situação de crise permanente que a sociedade atravessa como desdobramento do aprofundamento da economia neoliberal e do capitalismo financeiro, ao mesmo tempo em que ocorre uma diluição da sensação de segurança frente ao conjunto de incertezas de ordem sanitária. Maffesoli (2020) amplia a perspectiva de ruptura e aponta a pandemia como uma espécie de ressurreição necessária frente à crise civilizacional em curso, ligada à culminância da degeneração do mito progressista.

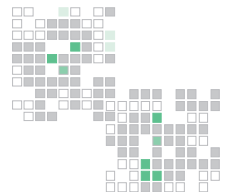
Enquanto momento social disruptivo, para nossa abordagem, situada no campo da Comunicação e Saúde (Cardoso e Araújo, 2009), esta é uma circunstância privilegiada para observar fenômenos relacionados à construção simbólica do mundo vivido através dos discursos (Bourdieu, 2011). Entendendo a Comunicação pelo prisma de uma Teoria da Produção Social dos Sentidos (Pinto, 1999; Véron, 2004), os sentidos, produzidos e compartilhados socialmente, são modulados pelos contextos, que delimitam as condições de produção discursiva. Desta forma, o momento atual permite testemunhar um *big-bang* de sentidos, que são construídos, circulados e ressignificados em uma dinâmica pulsante, que mobiliza pessoas e instituições em cadeias semióticas infinitas.

Nossa premissa é de que a reconfiguração de contextos associada à crise sanitária tem impacto nos sentidos compartilhados e disputados no mercado simbólico (Araújo, 2000). Essas tendências discursivas podem fornecer evidências

valiosas sobre a sociedade, por isto nos debruçamos sobre o desafio de identificar narrativas de alta circulação.

Como ponto de partida, trazemos à cena elementos contextuais que consideramos relevantes para a análise no campo da Comunicação e Saúde. Do ponto de vista do perfil da crise sanitária, os traços de incerteza, ambiguidade, complexidade e volatilidade estão presentes de forma marcante, enovelados em uma matriz em que se potencializam mutuamente. Há alterações em dimensões elementares da dinâmica social, incluindo a polaridade público-privado, os ritos de morte e nascimento e percepções do tempo. Sobre esta última dimensão, acionamos as reflexões de Vaz (2020), que propiciam mais nitidez sobre as expressões de temporalidade no contexto pandêmico. Enquanto a temporalidade relacionada à possibilidade da morte (associada à percepção de vulnerabilidade e finitude) e a suspensão da temporalidade (pressuposta nos protocolos de distanciamento social) fornecem um arcabouço de entendimento para os discursos referentes ao presente, a perspectiva da antecipação do retorno à normalidade, enquanto projeção de futuro, constitui o que o autor define como o “tempo do desejo”, o que está relacionado à construção de um limiar de risco aceitável, o que pressupõe a tomada de decisão individual sobre a possibilidade de adoecer.

Entendemos que, do ponto de vista dos discursos, em meio a este emaranhado de condições hostis, duas importantes reconfigurações contextuais precisam ser levadas em consideração: a expressão superlativa do medo e a radicalização do biopoder. Estas são as marcas que sugerimos como centrais na proposição do Viroceno como termo sintético da era em que, de forma atípica – ainda que possivelmente provisória, seguindo a lógica da temporalidade epidêmica – o vírus influencia, em ampla magnitude, o ambiente e as diversas formas de vida, inclusive e fortemente a



vida social. Usos espontâneos da mesma adaptação do termo já podem ser observados, como o nosso, pautados em uma releitura da perspectiva do Antropoceno como era dos humanos (Steffen et al, 2011).

A perspectiva do medo superlativo parte do conceito de medo líquido, sugerido por Bauman (2008) para designar a expressão contemporânea do medo, que se dá de forma difusa, constante e descentralizada, conduzindo à busca por uma vida blindada. Nossa leitura é de que o Viroceno extrapola o medo líquido para o que sugerimos pensar como um paradigma de medo em aerossol, mais compartilhado, mais ameaçador e mais homogêneo na disseminação local-global, ao mesmo tempo em que é menos domesticável pelo humano e menos passível de blindagem, na medida em que a resposta via medicalização – que, como veremos adiante, está diretamente relacionada à perspectiva de biopoder – vigora de forma limitada.

Neste ponto, a Comunicação, em sua interface com a Saúde, assume papel central: não é apenas o agente patogênico que causa medo, é sobretudo a tragédia humana visibilizada, midiaticizada e espetacularizada que ativa o gatilho do medo em aerossol. Como demonstrado por Vaz, Cardoso e Félix (2012), o risco e o medo são componentes relevantes nas narrativas jornalísticas, em especial no contexto de epidemias.

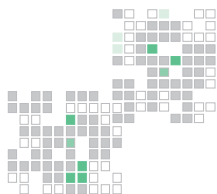
Além de superlativar o medo, em dimensão de intensidade, em dimensão geográfica e num prolongamento temporal, aportado pela incerteza em relação ao ponto de encerramento da crise, nossa aposta é de que o Viroceno também é marcado por uma radicalização nas expressões do biopoder. O conceito de Foucault (1988, 2005, 2008), que diz respeito ao poder de fazer viver e de deixar morrer, sendo, ao mesmo tempo, da ordem do individual (na dimensão da subjugação de corpos) e do coletivo (na dimensão do controle de populações), está na base da forma

elementar como a sociedade contemporânea lida com os processos de saúde-doença: a medicalização. Vale destacar que, na pandemia, ficam estabelecidos dispositivos de biopoder que são predominantemente analógicos – o afastamento mecânico entre as pessoas (expresso no distanciamento social), a higienização de mãos e o uso de máscaras de proteção – e que dependem fortemente do compartilhamento discursivo, sobretudo via mídia, ainda que muitas vezes impostos por força de instrumentos legais e vigiados por aparato coercitivo. Estes aparatos do biopoder são tão ostensivos e disseminados que alteram o que Santos (1998) descreveu como paisagem urbana, quer pela ausência de figuras humanas, quer pela presença condicionada à versão mascarada, o que alimenta a dimensão do medo a partir de signos onipresentes e facilmente identificáveis da ameaça ubíqua para a qual não há blindagem eficaz disponível.

Uma vez definido o entendimento do Viroceno como um contexto com importantes reconfigurações, marcado pela superlativização do medo e pela radicalização do biopoder, o que é coproduzido e potencializado sobretudo via mídia, acrescentamos um elemento que parece igualmente relevante na delimitação do contexto que influencia a produção social de sentidos: as metáforas (Sontag, 1984) sobre o vírus. Reeditada de forma recorrente em temas de Saúde, vigora na pandemia a perspectiva bélica de enfrentamento a um vírus caracterizado com atributos humanizados – perigoso, agressivo, desconhecido, dentre outros. É frente a um contexto reconfigurado pelo medo superlativo, pelo biopoder radicalizado e marcado pela explosão das tradicionais metáforas do enfrentamento bélico a um inimigo comum que partimos para o mapeamento de narrativas predominantes no Viroceno.

## 2. Tendências no panorama do noticiário

Considerando que as mudanças contextuais,



sintetizadas na excepcionalidade do Viroceno, reverberam na construção simbólica do mundo vivido, definimos os enunciados em circulação no noticiário como objeto de análise.

Os enunciados foram acessados a partir do boletim de cenário de mídia elaborado pelo Serviço de Jornalismo e Comunicação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Estes boletins reúnem um panorama noticioso sobre a pandemia, com base no monitoramento de dez veículos de mídia nacionais e oito internacionais, incluindo sites, jornais impressos e emissoras de TV. A seleção de notícias é pautada na presença de temática concernente à pandemia, em seus mais variados aspectos, independentemente da editoria de veiculação da notícia, buscando-se compor um panorama representativo da variedade da cobertura diária sobre o assunto. O *corpus* de análise abrange 273 edições do boletim, compreendendo o período entre 01 de março e 31 de agosto de 2020.

A partir da leitura sistemática deste conjunto de edições e com base no critério de repetição, mapeamos as narrativas de alta circulação, que foram classificadas como típicas de crises sanitárias – delineando-se, neste caso, se havia características específicas de expressão – ou como idiossincráticas da pandemia. Este subconjunto, por sua vez, foi classificado de acordo com a dimensão temporal referida nos enunciados, delimitando-se as narrativas vinculadas ao tempo presente e as narrativas referentes a projeções de futuro, considerado como o tempo do desejo (Vaz, 2020).

Do ponto de vista do referencial metodológico de análise, foram mobilizados os conceitos de análise da superfície textual como via de acesso aos discursos (Véron, 2004), as técnicas de análise discursiva de Pinto (1999), a perspectiva de palavras plenas e palavras operacionais descrita por Maingueneau (1997), o entendimento da palavra como unidade de disputas simbólicas, inspirado nas perspectivas de Bourdieu (1983) e

Bakhtin (2006), e a abordagem de silêncio discursivo postulada por Orlandi (2011).

### **3. Narrativas do Viroceno: heróis, solidariedade e novo normal**

O mapeamento discursivo identificou narrativas que repetem tendências percebidas em outras crises sanitárias – a maior parte delas expressa de forma hiperbólica – e narrativas que parecem peculiares do Viroceno, subdividindo-se este conjunto, do ponto de vista das temporalidades, a remissões ao presente e ao futuro.

#### **3.1. Narrativas típicas de crises sanitárias**

No que se refere às narrativas típicas de crises sanitárias e que são ativadas na pandemia, destacamos como primeiro ponto a narrativa da dor, do sofrimento e do drama, largamente observada em análises sobre epidemias, como as empreendidas por Rosenberg (1977). De forma geral, o dispositivo básico de expressão desta narrativa consiste no testemunho de trajetórias dos afetados. Cabe registrar, porém, nuances específicas no sentido de um inflacionamento da carga emocional. Esta apresentação hiperbólica é modulada por uma série de aspectos, incluindo a ausência de diagnóstico laboratorial confirmatório (o drama acentuado pela dúvida), a impossibilidade de acesso dos familiares ao paciente em internação ou aos ritos funerários da vítima como medida de cautela quanto à transmissão do vírus (o drama reforçado pela quebra das tradições sociais), a demora por atendimento na fila de espera (o drama intensificado pela dimensão ética do acesso à saúde) e a materialização das trajetórias de sofrimento nas imagens que retratam o aparelhamento do corpo humano em leitos hospitalares (o drama das medidas extremas em nome da sobrevivência), dentre outras abordagens com o efeito de sentidos de majoração da dor.

De forma articulada à narrativa de dor, sofrimento e drama, duas narrativas igualmente



típicas de cenários epidêmicos também foram identificadas: a narrativa de luta e superação, relacionada às vítimas que adoeceram e alcançaram recuperação física, e a narrativa do luto, pertinente aos casos de óbito. A forma hiperbólica da narrativa de luta e superação – que, de forma mais típica, aciona os sentidos de vitória – é expressa na narrativa da sobrevivência, que mobiliza sentidos bélicos, metáfora recorrente no campo da Saúde e bastante alinhada aos cenários de grandes tragédias, como desastres naturais, acidentes e episódios de terrorismo. Já em relação à forma superlativa da narrativa de luto, foram observados dispositivos variados: a coletivização do luto, expressa por meio de enunciados que atribuem o enlutamento ao país ou ao mundo, ou por meio de formulações textuais que expressam o luto na primeira pessoa do plural; o recurso a relatos comoventes sobre a impossibilidade de acesso de familiares aos ritos funerários da vítima; e a representação visual pautada em imagens que registram câmaras frigoríficas para acondicionamento de corpos ou covas abertas em cemitérios, convertidas em versões icônicas da ameaça de morte.

De forma circular em relação ao contexto peculiar do Viroceno, ao ser propagada de forma espetacularizada na mídia, a narrativa hiperbólica de dor, sofrimento e drama –desembocando no êxito da sobrevivência ou no revés do luto – retroalimenta o medo superlativo que, por sua vez, integra eloquentemente as condições de produção discursivas.

A narrativa da construção de uma escalada epidêmica, que estabelece parâmetros de risco a partir do acompanhamento de um placar de casos e óbitos, com ênfase em marcos numéricos emblemáticos, é mais uma narrativa típica de crises sanitárias reavivada no contexto da pandemia. Como elemento de hiperbolização, podem ser observados o dispositivo de suspeição sobre os números oficiais (atravessado pelos sentidos

de suspeição ampliada sobre as instituições) e o dispositivo de estabelecimento de placares produzidos pelos veículos de comunicação em confronto aos dados oficiais, que ganha contornos acentuados a partir do estabelecimento de um conglomerado de veículos de mídia com esta finalidade. pela fissura na lógica concorrencial e por meio do recurso ao uso da palavra plena “solidariedade”, esses dispositivos acionam uma narrativa que, como veremos adiante, é típica do Viroceno. Também é notado o dispositivo de comparação em relação aos placares de outras tragédias.

Em relação à repetição de narrativas típicas de crises sanitárias, também observamos a narrativa de busca por culpados, referente ao escrutínio público sobre acertos e equívocos nas respostas à crise – em contornos globais, regionais ou locais –, que abrange múltiplas dimensões: a responsabilidade sobre a origem e contenção da emergência sanitária, a adequação dos protocolos técnicos adotados, o uso adequado de recursos financeiros destinados ao enfrentamento da pandemia, dentre outras. Frente à ampla gama de temas relacionados a esta narrativa, não foi identificado recurso específico disseminado de hipérbole.

### 3.2. Narrativas peculiares ao Viroceno

Em relação às narrativas peculiares ao Viroceno e referentes ao tempo presente, destacamos a narrativa dos heróis e a da solidariedade. No que diz respeito a projeções de um futuro pós-pandêmico, destacamos a perspectiva do novo normal. Para efeito de ilustração, pinçamos exemplos pontuais destas expressões a partir do corpus de análise, na expectativa de compartilhar com o leitor exemplos das grandes tendências observadas.

A narrativa dos heróis da linha de frente ressalta o empenho dos profissionais de saúde em salvar vidas no atendimento a casos de Covid-19. O uso de equipamentos de proteção individual e as longas jornadas de trabalho, a insegurança frente

à possibilidade de infecção e o risco de adoecimento, o afastamento da família como medida de cautela e a reduzida disponibilidade de recursos terapêuticos eficazes, sobretudo nos momentos iniciais da pandemia, são elementos de destaque que reeditam a narrativa de dor, sofrimento e drama pelo prisma dos profissionais de saúde, como contraplano à narrativa simétrica atribuída às vítimas. Como ilustração desta tendência, podemos citar notícia de 04/05/2020, que destaca o voo de deslocamento de profissionais de saúde que atenderiam pacientes em Manaus, então epicentro de casos, em um contexto de escassez de recursos médicos e hospitalares. A reportagem relata que o comandante da aeronave registrou a presença dos profissionais no autofalante, solicitou uma salva de palmas aos passageiros e ressaltou: “Esses brasileiros são heróis anônimos, que trocaram a capa por jaleco”<sup>1</sup>. Semanas depois, o noticiário estamparia o armazenamento de cadáveres em frigoríficos e a abertura de valas coletivas em cemitérios da cidade.

A versão hiperbólica e conectada dessas narrativas irrompe nos casos de profissionais de saúde que vieram a óbito por conta da atividade profissional, que sucumbiram na batalha: os heróis convertidos em mártires.

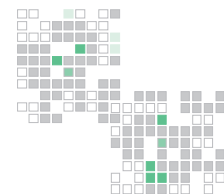
Do ponto de vista da representação visual, a narrativa dos heróis ganha maior relevância simbólica na medida em que é sintetizada na imagem icônica de rostos marcados pelo uso prolongado de máscaras e óculos de proteção. Vale destacar o uso da palavra plena ‘heróis’, que aciona sentidos de exemplo a ser seguido, de reconhecimento, de valorização, mas também sentidos intrínsecos à metáfora bélica, sobretudo na referência à ideia de linha de frente de combate e de cumprimen-

to do dever. Esta narrativa foi fortemente disseminada em pronunciamentos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de lideranças políticas, enunciadores de alta legitimidade no mercado simbólico da saúde e particularmente da pandemia. No caso do Brasil, é importante ressaltar que a narrativa dos profissionais de saúde como heróis remete a uma disputa de sentidos que tem tido grande protagonismo no cenário político conturbado do país: a (des)valorização do serviço público e do Sistema Único de Saúde (SUS).

A narrativa da solidariedade ganha igualmente ampla circulação, em dupla chave. Uma delas se refere ao uso da palavra plena “solidariedade” em enunciados que dizem respeito ao apoio espontâneo e de caráter humanitário estabelecido, por exemplo, entre vizinhos e junto a comerciantes locais. No limite, a narrativa da solidariedade constitui uma metanarrativa comportada na perspectiva dos heróis como altruístas que se arriscam pelo outro. A segunda chave está articulada discursivamente ao conceito de distanciamento social, um dos protocolos de biopoder mais emblemáticos da pandemia. Tendo em vista que o distanciamento social constitui uma medida sanitária para redução – pelo menos, desaceleração – da transmissão do vírus, a convocação à solidariedade expressa, muitas vezes de forma explícita, na recomendação de permanecer em casa diz respeito a uma proteção simultaneamente direcionada ao indivíduo e ao coletivo. Em sua dimensão simbólica, portanto, o distanciamento social é apresentado como forma de cuidado em relação a si (impulsionado pelo medo) e em relação ao outro (mobilizado pela solidariedade), em uma lógica de ambivalência que também é observada na dimensão discursiva da recomendação de uso de máscaras protetivas, outro protocolo de biopoder que marca fortemente a paisagem do Viroceno.

Como ilustração desta tendência, podemos citar a reportagem da BBC, de 16/03/2020, inti-

1 VIDON, Filipe. Profissionais de saúde são aplaudidos em voo em direção a Manaus. *Revista Época Online*. 04 maio. 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/sociedade/profissionais-de-saude-sao-aplaudidos-em-voo-com-destino-manaus-24410042>>. Acesso em: 04 maio 2020.



tulada “Se você está em autoisolamento, eu posso ajudar’: as provas de solidariedade em meio à pandemia do coronavírus”<sup>2</sup>, que registra e enaltece o amparo espontâneo entre vizinhos. O uso do termo “Solidarity” para designar o maior estudo clínico em andamento no mundo na busca por evidências sobre alternativas de tratamento, liderado pela OMS, é uma expressão institucional da relevância conferida a esta narrativa em nível global. Ao mesmo tempo, nas circunstâncias de competição entre países, sobretudo por insumos, importantes fissuras discursivas são notadas. Isto pode ser exemplificado em enunciados que ganharam destaque no noticiário associados a episódios como a disputa pela aquisição de máscaras e aparelhos respiradores na pista de aeroportos e a corrida pela reserva de lotes de vacinas ainda em fase de desenvolvimento tecnológico, numa espécie de leilão pela sobrevivência. Quando a solidariedade entre nações é atropelada pela lógica de segurança nacional, o paradigma bélico mostra toda a sua versatilidade discursiva: ampara tanto a ideia (agregadora) de inimigo em comum, quanto a perspectiva (desagregadora) da indiferença, o que justifica medidas antônimas à solidariedade a partir da disputa frente à escassez de recursos de blindagem.

Em relação à projeção de um futuro pós-pandêmico, a narrativa do novo normal se apresenta como uma expressão cristalizada e altamente polissêmica – no limite do que poderia ser pensado a partir da lógica de grife. A propósito disto, o artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, em edição de 16/07/2020, aponta o “novo normal” como “o clichê repetido de 2020”<sup>3</sup>, resumindo assim a intensa circulação desta tendência discursiva.

2 GRAGNANI, Juliana. ‘Se você está em autoisolamento, eu posso ajudar’: as provas de solidariedade em meio à pandemia do coronavírus. *BBC News Brasil*. 16 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51910399>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

3 RODRIGUES, Sérgio. ‘Novo normal’ é o novo anormal. Por que o clichê repetido de 2020 é uma falácia perigosa. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16 jul. 2020. *Coronavírus Saúde*. B5.

É interessante destacar a paradoxalidade do termo, que justapõe as perspectivas de novidade centrífuga (da ordem da mudança) e de normalidade centrípeta (da ordem da inércia e da acomodação). Os sentidos de ruptura mobilizados no termo consolidam uma variedade de enunciados que podem ser sintetizados na ideia de “nada será como antes”, que aciona a perspectiva de um questionamento dos modos e padrões de vida vigentes: a crise sanitária é estabelecida como gatilho de mudança civilizatória, em uma versão romantizada de futuro esperançoso em contraposição ao presente distópico, em que a solução via medicalização opera de forma limitada, numa manifestação da precariedade das blindagens (Bauman, 2008) frente ao medo superlativo do Viroceno.

Apesar de ultrapassar o escopo do corpus empírico da investigação, registramos, a título de apontamento exploratório para pautas de pesquisa oportunas, que as três narrativas específicas do Viroceno – os heróis, a solidariedade e o novo normal – foram intensamente apropriadas pela publicidade, na forma de discursos predatórios (Araújo, 2002) com fins de estímulo ao consumo. Esse movimento expressa não apenas o alto valor simbólico dessas narrativas, como potencializa sua circulação e disseminação, de forma glamorizada. Em especial no que se refere ao novo normal, na versão predatória adotada pela publicidade predominam a sobrevalorização da dimensão centrífuga da novidade e o apagamento dos sentidos centrípetos de manutenção e permanência, resultando no silenciamento da contradição inerente à narrativa.

As expressões do novo normal apresentadas pela publicidade são úteis como elemento de análise, na medida em que, em sua versão caricatural de exagero, evidenciam que a construção simbólica do futuro pós-pandêmico comporta uma idealização de sociedade homogênea e estabilizada, sem crises, que teria sido desestabilizada pela pandemia. Nesta perspectiva, predomina uma



visão homogeneizante do mundo, em que as diferenças e as desigualdades sociais são apagadas. Se o vírus corporifica a ameaça comum, as crises previamente em curso são apagadas, esmaecidas ou engolidas pela crise sanitária – assim, a crise política segue, porém com os tons da crise do Covid-19, o mesmo para a economia, o ambiente e outros setores da sociedade.

#### 4. Uma fábula moralizante

O mapeamento de narrativas apresentado, ainda que inicial e limitado ao recorte do *corpus* de análise, permite delinear um panorama discursivo da pandemia instigante do ponto de vista das disputas que operam no mercado simbólico e expressivo do contexto do Viroceno.

Na dimensão da Comunicação e Saúde, a repetição de narrativas típicas de crises sanitárias aponta para o que sugerimos pensar como uma parcela cristalizada do contexto pandêmico, que expressa a manutenção de algumas condições de produção anteriormente estabelecidas. Por sua vez, o traço de hiperbolização destas narrativas acompanha a expressão de medo superlativo e de biopoder radicalizado, que entendemos como definidora do Viroceno.

Destoando da tendência observada no conjunto de narrativas típicas, não identificamos dispositivos de hiperbolização na narrativa de busca por culpados. Esta ausência levanta a suspeita de que podemos estar diante de uma manifestação discursiva da perspectiva fatalista sobre a doença, que estaria relacionada às dimensões de incerteza e às limitações de blindagem em relação às ameaças no cenário da pandemia – tópico que emerge como agenda de pesquisa e demanda métodos particulares de análise.

A composição híbrida do panorama discursivo da pandemia, que tanto comporta reedições (ainda que hiperbólicas) de narrativas típicas de crises sanitárias, como aquelas que parecem específicas do Viroceno, nos desafia e instiga a

buscar neste conjunto idiossincrático pontos de convergência relevantes para a identificação de interfaces que possam dar mais nitidez ao que seria uma configuração discursiva dessa era em que parece termos – de forma perene ou provisória – adentrado.

Como ponto inicial, destacamos que estas narrativas abordam temas constitutivos daquilo que é humano: o estabelecimento de um panteão de heróis, a agregação social por meio do reconhecimento do outro como alguém com quem são estabelecidos vínculos e a construção de uma projeção de futuro compartilhada coletivamente. Trata-se, portanto, de narrativas que incidem sobre temas caros do ponto de vista da dinâmica social e intimamente relacionados à construção de identidade, tendo acentuada relevância simbólica.

O segundo ponto de convergência ocorre entre as narrativas específicas do Viroceno e consiste, considerando-se o contexto brasileiro, na mobilização de sentidos antagônicos em relação aos sentidos predominantes sobre os mesmos temas em um contexto pré-pandêmico. No caso da heroização dos profissionais de saúde – e aqui não se pode perder de vista o quanto esta dimensão está mesclada ao próprio entendimento do serviço público como um todo, como uma metonímia da visão sobre o serviço público de saúde – temos no contraponto a perspectiva do contexto anterior, em que os profissionais de saúde são cobrados e criticados quanto ao serviço prestado, o que poderia ser sintetizado na sentença “não faz mais do que a obrigação”. Já os sentidos de solidariedade polarizam com os sentidos de individualismo e consumismo definidores da perspectiva liberal. Por sua vez, os sentidos do “novo normal” antagonizam com os sentidos sobre o status quo inalterado por forças centrípetas de conservação, em uma perspectiva com alta carga de fatalismo, como pode ser observado na expressão “as coisas são como elas são”. Trata-se, em síntese, da pola-



ridade entre mudança/esperança e conformismo/desesperança.

Ao mesmo tempo em que mobilizam sentidos antagônicos em relação aos sentidos predominantes no contexto pré-pandêmico – e que se manifestam justamente nos temas que são definidores daquilo que é humano –, as narrativas predominantes apenas tocam a superfície de discussões mais profundas na medida em que predomina o apagamento dos antagonismos. Em outros termos, ainda que ocasionalmente possam ser apresentados na dimensão dos enunciados, o predomínio é do efeito de apagamento. Estes antagonismos não se colocam de forma questionadora, pela via do confronto discursivo estabelecido nos enunciados, mas assumem uma dinâmica comparável à vocalização de postulados que, por definição, são considerados óbvios e consensuais a ponto de não precisarem ser demonstrados. Ainda que, nas disputas dos sentidos no mercado simbólico, tanto os elementos protagonistas (os sentidos que predominaram até a pandemia) quanto os elementos antagonistas (os sentidos típicos da excepcionalidade pandêmica) entrem em jogo – afinal, esta é a lógica da concorrência discursiva –, o predomínio do apagamento destas polarizações é emblemático sobre a dinâmica discursiva do Viroceno. O efeito de sentidos é de uma “virada de página” disruptiva.

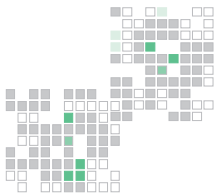
Por fim, destacamos, como terceiro ponto convergente das narrativas do Viroceno o atravessamento da dimensão dos valores e da moralidade. Como arquétipo para situar este conjunto de narrativas, recorreremos ao gênero da fábula, na medida em que consiste em um texto alegórico de caráter moralizante, tendo como personagens animais que apresentam características humanas – a exemplo do que, como vimos, pode ser aplicado, guardadas as devidas especificidades, na atribuição de características humanas ao vírus.

Entendendo o Viroceno como uma fábula do mundo sobre si mesmo, temos, em síntese, um

painel discursivo que combina narrativas recorrentes de crises sanitárias, muitas vezes intensificadas pelo recurso de hipérbole, a narrativas específicas que versam sobre temas constitutivos daquilo que é humano, se apresentam ao modo de postulados e são fortemente atravessadas pela dimensão de valores e de moralidade, convergindo para uma pedagogia moralizante. Grosso modo, no que diz respeito à especificidade discursiva desta pandemia, temos, na dimensão simbólica, a construção de uma narrativa sobre a ameaça distópica da humanidade por uma besta desconhecida e mortal, que é enfrentada com solidariedade e combatida por heróis destemidos, resultando na projeção de desejo de um mundo transmutado.

Frente a uma crise que tem um prólogo altamente visibilizado e nenhum sinal de epílogo à vista, o que compartilhamos aqui, mais que pontos de chegada, são possíveis pontos de partida. Como desafio para o campo da Comunicação e Saúde, resta acompanhar como a fábula moralizante do Viroceno que, a partir de um olhar sincrônico, assume importante circulação no mercado simbólico dos sentidos sobre a pandemia, será cristalizada nas numerosas leituras diacrônicas a serem construídas sobre o atípico ano de 2020 e seus impactos – perenes ou temporários, reacionários ou libertários – para a sociedade.

Encerramos com uma brevíssima metafábula. Na alegoria criada por Eugène Ionesco (2015) em ‘Os Rinocerontes’, clássico do teatro do absurdo, humanos são transmutados em paquidermes, num processo de metamorfose iniciado por sintomas semelhantes à gripe. Frente ao caos da cidade invadida por animais desgovernados, as portas das lojas fechadas traziam tabuletas dizendo: “por motivo de transformações”. Para onde as transformações em curso no Viroceno nos levarão, o tempo dirá. Ao campo da Comunicação e Saúde, cabe escolher seu lugar e seus desafios.



## 5. Referências

- ARAÚJO, Inesita Soares de. *A Reconversão do Olhar: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.
- ARAÚJO, Inesita Soares de. *Mercado simbólico: interlocução, luta, poder. Um modelo de comunicação para políticas públicas*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CARDOSO, Janine Miranda; ARAÚJO, Inesita Soares de. Comunicação e Saúde. In: PEREIRA, I. B; LIMA, J.C.F. (ed.). *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- IONESCO, Eugène. *Os rinocerontes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MAFFESOLI, Michel. *La pandémie de coronavirus ou comment disparaît le mythe rationaliste du progrès*. Disponível em: <[https://lecourrierdesstrategies.fr/2020/03/20/maffesoli-la-pandemie-de-coronavirus-ou-comment-disparaît-le-mythe-rationaliste-du-progres/?fbclid=IwAR3bLOP9GgJXbIQF8DyotX\\_fj1AA5uOCBy8rLi-2Kbz7g2ATIIV9b1YCMckE](https://lecourrierdesstrategies.fr/2020/03/20/maffesoli-la-pandemie-de-coronavirus-ou-comment-disparaît-le-mythe-rationaliste-du-progres/?fbclid=IwAR3bLOP9GgJXbIQF8DyotX_fj1AA5uOCBy8rLi-2Kbz7g2ATIIV9b1YCMckE)>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editores da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso: introdução à Análise de Discursos*. São Paulo: Hacker, 1999.
- ROSENBERG, Charles Ernest. Framing disease: illness, society and History. In: ROSENBERG, Charles Ernest; GOLDEN, Janet (ed). *Framing disease: Studies in cultural history*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers Univeristy Press, p.XIII-XXVI, 1977.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- SANTOS, Milton. *Metamorfozes do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- STEFFEN, Will; GRINEVALD, Jacques; CRUTZEN, Paul; MCNEILL, John. The Anthropocene: Conceptual and Historical Perspectives. *Philosophical Transactions of the Royal Society*, v.369, p. 842-867, 2011.
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- VAZ, Paulo. Os tempos da pandemia. *Conexão UFRJ*. 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2020/03/27/artigo-os-tempos-da-pandemia/>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- VAZ, Paulo; CARDOSO, Janine Miranda; FÉLIX, Carla Baiense. Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. *Contratempo*, n.25, p.24-42, dez, 2012.
- VÉRON, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

## 6. Agradecimentos

Registramos nosso reconhecimento e agradecimento à dedicação do grupo de profissionais que atua no Serviço de Jornalismo e Comunicação do

IOC/Fiocruz, responsável pela produção do monitoramento de mídia que subsidiou os insumos para este trabalho.

